

*Ana Maria Maqalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**

na Cidade

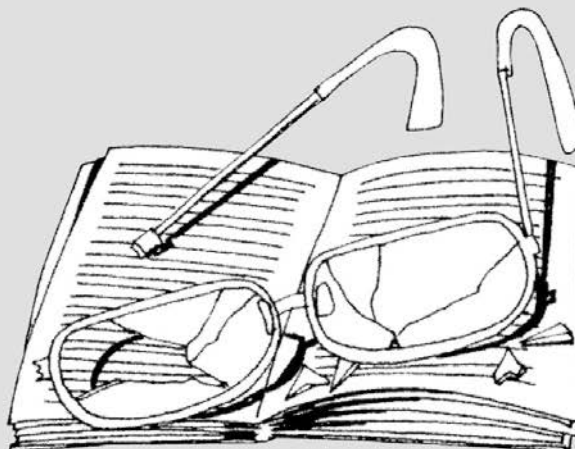
*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

CAMINHO

21.^a edição

Capítulo 1

Uma cena de pancada



— Luísa! Depressa! Olha para aqueles ali à pancada, vem ver!

— Onde? Ah! Anda...

Um grupo de rapazes e raparigas aglomerava-se no pátio, à volta de dois rapazes que se esmurravam violentamente.

— Quem são eles? Nem se percebe...

— Parece que são do 6.º ano, da mesma turma.

— Eu conheço-os... desde o princípio do ano que andam nisto. O Pedro já ficou sem óculos três vezes.

Crás! Os óculos voaram e espatifaram-se aos pés da Teresa.

— Quatro vezes, querias tu dizer! — riu a Luísa, que estava sempre a gozar.

— Lá vem o Sr. Osório... — berrou uma voz.

Apesar dos gritos do Sr. Osório, foram precisos vários para os separarem. Esbarrigados, suados, vermelhos de fúria, afastaram-se vociferando ameaças.

— Tu pagas-mas! Menino da mamã... há sempre alguém que te vem defender! — berrava o Chico, gesticulando de tal maneira que por pouco não agredia o Sr. Osório.

— Pagas-me mas é os óculos, seu descerebrado! Só tens é músculo! — respondeu o Pedro, com ar superior.

— Des... quê? Repete lá isso! Malcriado! E é isto um menino fino!

A campainha chamando para as aulas fez o grupo dispersar.

Enquanto esperavam que chegasse a professora, Teresa e Luísa cochichavam à porta da sala 7.

— Lá estão as gémeas aos segredinhos... Vocês nunca se fartam uma da outra?

De facto acabava por ser irritante. Sempre as duas, pareciam siamesas. Baixinhas, magras, muito ágeis, cabelo loiro escorrido e com franja, eram exactamente iguais. Tinham olhos castanhos, argutos, e nariz arrebitado, o que lhes dava um ar trocista. Quase ninguém as distinguia e divertiam-se muito com isso. Vestiam-se sempre de igual para confundir as pessoas. Trocavam de lugar nas aulas, fingiam ser a outra, baralhavam os colegas e as professoras, mesmo os vizinhos, até o pai se enganava!

— Parvos! Não percebem nada, andam aqui por ver andar os outros e ainda fazem comentários — respondeu imediatamente a Teresa.

— Deixa-os lá! Ouve mas é isto... Aquele tipo forte é que nos podia servir de guarda-costas — disse a Luísa, baixando a voz.

— Achas que ele vai nisso? Parece um rufião e ainda nos bate mas é a nós.

— Podíamos experimentar! Vamos falar com ele logo à tarde, parece que é do 6.º, 4.ª

— Esperamos à saída!

— Olha lá, ó Zé, sabes o nome daquele que deu uma tarefa no dos óculos?

— Parece que é Chico, bate em todos, anda sempre à pancada.

As aulas interromperam a conversa, mas foi muito difícil para as gémeas prestarem atenção, de tal modo estavam excitadas com o seu projecto.

Quando soou o último toque, correram para o portão e colocaram-se uma de cada lado, para interceptarem o Chico.

Era um fim de tarde de Outono, já frio. Escurecia cedo, e em volta recortavam-se os prédios que àquela hora pareciam todos cinzentos, debruados no topo por um fio de luz dourada. No ar uma nuvem de fumo espalhava o cheirinho bom das castanhas assadas.

— Que fome! Tens aí dinheiro?

— Não, e agora não podemos sair daqui. Temos coisas mais importantes a tratar.

Um rio de gente comprimia-se para passar no portão, empurrando as gémeas uma para cada lado, com as pastas, sacos, cotoveladas.

— Cheguem-se para lá, o que é que estão aí a fazer? Não vêem que estorvam a passagem? — perguntou um empregado, aproximando-se.

A Teresa ia a responder, mas avistaram o Chico que avançava sozinho no fim da fila.

— Olha, lá vem ele...

— E agora? Falas tu ou falou eu?

— Ai, não sei, fala tu...

O Chico nem reparou nelas e seguiu o seu caminho rua acima. Caminhava a assobiar, sem



OS OCULOS VOARAM
E ESPATIFARAM-SE AOS PÉS DA TERESA

pressa. Não era divertido andar na escola, mas afinal de contas em casa ainda era pior. O pai, sempre rabugento porque não encontrava emprego. A mãe chegava tarde e sempre cansada. O irmão vinha da venda dos jornais e fazia troça dele por andar na escola. Tomara já chegar aos dezasseis anos para não ter de estudar mais!

Foi a Luísa quem ganhou coragem, aproximou-se e bateu-lhe no ombro.

— Ó Chico...

Espantado, o Chico voltou-se e respondeu com uma espécie de grunhido:

— Que é que queres?

— Somos as gémeas... — disse a Teresa, pondo-se ao lado da irmã.

O Chico, irritado, fitava as duas caras iguais.

— Isso vejo eu! Mas o que é que eu tenho com isso?

— Olha, sabes... é que lá no prédio... quer dizer, lá ao lado... há uma garagem, sabes...

— Cala-te, não estás a explicar bem. Eu explico.

Chico olhava-as entre admirado e curioso. O que lhe quereriam aquelas miúdas de saia às pregas e cara de parvas?

A Luísa começou:

— É por causa de umas luzes que a gente vê na garagem... e ruídos... é um mistério que a gente queria descobrir.

— Oh! Que palermas! Deve ser um grande mistério! Se há ruídos é porque está lá gente a trabalhar à noite. O meu pai às vezes faz biscoitos à noite, já que não trabalha de dia...

As gémeas, nada interessadas nos problemas do pai do Chico, insistiram:

— Não é nada! Aquilo é tudo em segredo. Quem trabalha não tem de se esconder, não achas?

— E que é que vocês querem que eu faça?

Entusiasmadas, as gémeas aproximaram-se e começaram a falar as duas ao mesmo tempo.

— Precisamos de ajuda... queremos descobrir o mistério... devem ser ladrões.

— Ladrões? Para roubar o quê? Vocês são parvas... Se calhar eram vocês que os iam prender! — respondeu o Chico, afastando-se.

— Por isso é que estamos a falar contigo, que és forte — gritou a Teresa.

Surpreendido, o Chico parou e voltou-se.

— Quem te disse que eu sou forte?

— Ah! Ah! Na escola não há ninguém que não te conheça... és o mais forte...

O Chico cada vez se interessava mais pela conversa.

— Ah! Sim?

— Pois é, e a gente ainda hoje te viu à pancada. Deste uma tareia num tipo de óculos.

— Ora, esse gajo é um frango! Não vale nada. Eu nem o quis magoar...

— Por isso mesmo é que pensámos falar contigo. Sozinhas, temos medo. Os rapazes lá do prédio são uns cagarolas e dizem que nós inventamos coisas.

— Contem lá então o que é isso... viram alguma coisa? Mas despachem-se, que estou cheio de fome.

— Então vem connosco até ali à porta de nossa casa. Logo vês a garagem e é mais fácil explicar.

— Eu posso ir lá acima buscar umas sanduíches de mortadela... Talvez haja torta de laranja e biscoitos.

O Chico, na mira dos bolos, concordou logo.

O vão, por trás da escada, era o lugar habitual de encontro das gémeas com os amigos. Instalaram-se em cima de uma pilha de caixotes, acenderam a lanterna de pilhas e a Luísa distribuiu as sanduíches e biscoitos que tinha trazido de casa.

— Tenho aqui um cantil com limonada. Costumamos levá-lo para acampamentos. Queres beber?

— Pode ser, já agora... — murmurou o Chico, com a boca cheia de biscoitos.

— Toma lá, só há uma fatia de torta e é para ti...

As gémeas tentavam aliciar o Chico para poderem contar com a sua ajuda. Era o primeiro rapaz que se dispunha a ouvi-las. E ainda por cima era tão alto e tão forte! Ao lado dele até parecia fácil desafiarem uma quadrilha de ladrões. Não havia dúvida que se fosse preciso ele as defendia, até porque o homem da garagem era bastante enfezado.

— Tens ouvido falar do roubo dos carros aqui no bairro? Até já se falou nisso no jornal...

— E, desapareceu um *Fiat*, não foi? Não leio jornais mas toda a gente fala nisso, parece que são quase cinco carros por dia — acrescentou o Chico, mastigando o último biscoito.

— Pois é, nós temos quase a certeza de que são os homens daquela garagem ali abaixo que roubam os carros.

— Porquê?

— Olha, porque nunca lá está ninguém de dia, só às vezes ao fim da tarde é que aparece alguém...

O Chico olhava-as, incrédulo. Aquilo parecia-lhe tudo uma fantasia de miúdas. Estava a fazer-se tarde para ir para casa, o melhor era ir-se embora.

— Sim, sim. E isso que tem? Naturalmente trabalham de noite.

— Ah! Então e porque é que na semana passada atirámos uma pedra à porta de metal e eles apagaram a luz?

— E porque é que trabalham sempre de porta fechada? Já viste alguma garagem de porta fechada?

— Sei lá! Não sei nem me interessa. Agora tenho de me ir embora. Isso, depois, logo se vê!

E sem lhes dar tempo de retorquir, levantou-se e foi-se embora, já com medo de apanhar alguma sova do pai.

A Teresa e a Luísa olharam-se desconsoladamente.

— Vês? Não resultou! Tanto esforço para nada. E ainda por cima comeu-nos os biscoitos todos, o que é que vai dizer a mãe quando vir a lata vazia?

— Ora, não desanimes. Havemos de o convencer... ele estava era com pressa. Amanhã mesmo vamos tentar.

